

ROTEIRO PARA O PROFESSOR

Caro professor,

Além da edição dos textos integrais de algumas das melhores e mais reconhecidas obras das literaturas brasileira, portuguesa e universal, os CLÁSSICOS SARAIVA oferecem ao professor um amplo material de apoio didático para o trabalho em sala de aula.

Cada obra traz em seu corpo o seguinte conteúdo:

- **Texto integral;**
- **Diários de um Clássico;**
- **Contextualização Histórica;**
- **Entrevista Imaginária.**

Além disso, o leitor recebe, encartado no exemplar:

- **Suplemento de Atividades.**

E o professor, em seu exemplar ofertado, encontra ainda:

- **Suplemento de Atividades com respostas e orientações;**
- **Projeto Leitura e Didatização.**

O PROJETO LEITURA E DIDATIZAÇÃO é um material didático bastante consistente, representando um grande diferencial para os CLÁSSICOS SARAIVA.

A seguir, relacionamos cada uma dessas seções, além do texto integral da obra, definindo-as:

DIÁRIOS DE UM CLÁSSICO

Após a leitura, o aluno mergulha nos DIÁRIOS DE UM CLÁSSICO, que oferecem um roteiro pormenorizado de algumas abordagens possíveis para cada livro:

- **Por Dentro da Obra:** Uma abordagem inusitada da obra.
- **Na Intimidade do Autor:** Aspectos da vida do autor.
- **Navegando pelo Contexto Literário:** Sua obra no panorama literário da época.
- **Passeando pela Cidade:** Cenas da cidade do escritor.
- **Conhecendo a Obra:** Análise de alguns pontos estruturais da obra:
 - Narrador
 - Personagem
 - Foco narrativo
 - Estrutura
 - Espaço
 - Linguagem
- **Expressões Artísticas:** Adaptação da obra por outras artes
- **Obras:** Lista de todas as obras do autor.

384

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Painel de textos selecionados que dizem respeito a algumas características de estilo da obra, e também ao seu contexto histórico e artístico, ajudando a construir um panorama da época e do ambiente cultural, histórico e literário em que o autor viveu.

ENTREVISTA IMAGINÁRIA

Simulação de uma conversa fictícia com o escritor em algum momento-chave de sua vida, com perguntas e respostas imaginadas.

SUPLEMENTO DE ATIVIDADES

Encarte com atividades para o aluno responder, dividido nos seguintes tópicos:

- **Uma Obra Clássica:** atividades sobre a obra e seu valor literário.
- **A Narrativa:** atividades sobre a história.

- **O Narrador:** atividades sobre o tipo de narrador, sobre o foco narrativo.
- **Personagens:** atividades sobre o protagonista e outros personagens de destaque.
- **Intertextualidade:** atividades sobre possíveis relações da obra com outros gêneros ou tipos de texto.
- **Contextualização Histórica:** atividades enfocando os trechos selecionados na seção específica do livro.
- **A Nova do Cadáver – A sua Entrevista Imaginária:** atividade de produção de texto na qual o aluno simula a sua própria entrevista com o autor.

PROJETO LEITURA E DIDATIZAÇÃO

É uma proposta dialógica para o trabalho com literatura, desenvolvida a partir de pressupostos oferecidos pelo professor William Cereja. São traçados possíveis dialogismos entre a obra lida e outras obras afins, sejam elas da literatura brasileira ou estrangeira, contemporâneas ou não.

No PROJETO LEITURA E DIDATIZAÇÃO, o professor encontra uma série de questões e orientações de modo a garantir o desenvolvimento de habilidades de leitura e contribuir para uma reflexão sobre a literatura e a cultura em momentos diversos, proporcionando situações de intenso trabalho e prazer de aprender em sala de aula.

Esse Projeto é apresentado mais adiante, para o professor, de forma completa, com orientações e respostas das atividades. Para o aluno, o PROJETO LEITURA E DIDATIZAÇÃO está disponível no *site* dos CLÁSSICOS SARAIVA (www.editorasaraiva.com.br/classicossaraiva).

PROJETO LEITURA E DIDATIZAÇÃO

Caro professor,

O PROJETO LEITURA E DIDATIZAÇÃO é uma proposta alternativa de ensino de literatura, baseada nos pressupostos apresentados por William Cereja em seu Ensino de Literatura – Uma proposta dialógica para o trabalho com literatura (Atual, 2005). Neste Projeto, atividades de leitura de textos literários e não literários são formuladas para o aluno, acompanhadas de discussões e justificativas teórico-metodológicas que permitem ao professor compreender não apenas por que fazer diferente o ensino da literatura, mas também como fazer.

Este Projeto didatiza e organiza uma proposta dialógica de ensino de literatura, de forma que se possa garantir o desenvolvimento de habilidades de leitura e contribuir para uma reflexão sobre a literatura e a cultura em momentos diversos.

Um curso de literatura não se constrói apenas com atividades específicas de leitura, mas também com uma série de outras interações, mediadas por textos literários e não literários, por textos didático-expositivos, por linguagens verbais e não verbais etc. Assim, as atividades apresentadas a seguir apenas indicam um ponto de partida para uma abordagem dialógica da literatura.

Apresentamos respostas previstas para as questões, a fim de que possam ser avaliadas por completo, para que seja possível verificar sua pertinência e as habilidades de leitura demandadas em cada uma delas.

O Projeto da obra O primo Basílio foi desenvolvido por Rodrigo Ribeiro, escritor – com diversos prêmios literários e alguns livros de poesia e de ensaio publicados – e professor de literatura; também coordena

grupos de estudo sobre literatura e filosofia em São Paulo.

Mas, lembre-se:

1. Este Projeto é abrangente e não precisa, necessariamente, ser trabalhado de forma integral. Componha-o dentro de seu plano de aula, conforme seus interesses e as necessidades de seus alunos, explorando uma, duas ou mais Leituras.

2. O texto integral do PROJETO LEITURA E DIDATIZAÇÃO de cada obra dos CLÁSSICOS SARAIVA está disponível no site www.editorasaraiva.com.br/classicossaraiva. Lá, o professor e/ou o aluno poderão copiar o projeto, sem as orientações e sem respostas previstas, naturalmente.

Bom trabalho!

O PRIMO BASÍLIO EÇA DE QUEIRÓS

Possíveis dialogismos trabalhados neste projeto:

1. Amor, erotismo, casamento e adultério (Leituras 1 e 5)
2. Realistas *versus* românticos: uma crítica ao idealismo (Leituras 1 e 2)
3. Jogos entre a moral e a ética, entre a norma e a exceção (Leitura 3)
4. As fontes da literatura: criação e intertextualidade (Leituras 2, 3 e 4)
5. Amor, erotismo e adultério (Leituras 1 e 5)

LEITURA 1

AMOR, EROTISMO, CASAMENTO E ADULTÉRIO

389

Em seu livro *A dupla chama: amor e erotismo*, o poeta e ensaísta mexicano Octavio Paz data do século XII o nascimento do amor no Ocidente, tal como o concebemos. Ele estaria ligado a uma idealização da mulher, que ganha novo estatuto social. Aqui ela oscila entre duas instâncias: a Dama e a Santa. Nasce então um ideal de castidade e de licenciosidade, uma moral e uma arte erótica, simultaneamente. A mulher é ideal e carnal a um só tempo. Esse tema é importante para entendermos o amor romântico e também a santidade exigida pelo casamento burguês, tal como é tratada na literatura do século XIX. Tendo em vista que *O primo Basílio*, de Eça de Queirós, publicado em 1878, efetua uma crítica contundente ao casamento burguês e à idealização do amor romântico, leia e compare o trecho a seguir com o de outro autor que aborda as mesmas questões, o mestre do realismo francês Gustave Flaubert, em *Madame Bovary*, romance publicado em 1857:

PROFESSOR – É oportuno ressaltar alguns aspectos da literatura romântica: o amor ideal, o campo do sonho que nunca coincide com a vida cotidiana, a aspiração à perfeição, a insuficiência da realidade.

Por outro lado, é importante também falar da crítica que os escritores realistas vão fazer a esse conjunto de valores.

Leve os alunos a notar que na história do amor a dimensão concreta e espiritual – idealizada e carnal – da mulher retroage aos trovadores, nos primórdios da literatura portuguesa.

TEXTO 1

Tinham dado onze horas no cuco da sala de jantar. Jorge fechou o volume de Luís Figuiier que estivera folheando devagar, estirado na velha *voltaire* de marroquim escuro, espreguiçou-se, bocejou e disse:

– Tu não te vais vestir, Luísa?

– Logo.

Ficara sentada à mesa a ler o *Diário de Notícias*, no seu roupão de manhã de fazenda preta, bordado a *soutache*, com largos botões de madrepérola; o cabelo louro um pouco desmanchado, com um tom seco do calor do travesseiro, enrolava-se, torcido no alto da cabeça pequenina, de perfil bonito; a sua pele tinha a brancura tenra e láctea das louras; com o cotovelo encostado à mesa acariciava a orelha, e, no movimento lento e suave dos seus dedos, dois anéis de rubis miudinhos davam cintilações escarlates.

390

Tinham acabado de almoçar.

A sala esteirada, alegrava, com o seu teto de madeira pintado a branco, o seu papel claro de ramagens verdes. Era em julho, um domingo; fazia um grande calor; as duas janelas estavam cerradas, mas sentia-se fora o sol faiscar nas vidraças, escaldar a pedra da varanda; havia o silêncio recolhido e sonolento de manhã de missa; uma vaga quebreira amolentava, trazia desejos de sextas, ou de sombras fofas debaixo de arvoredos, no campo, ao pé da água; nas duas gaiolas, entre as bambinelas de cretone azulado, os canários dormiam; um zumbido monótono de moscas arrastava-se por cima da mesa, pousava no fundo das chávenas sobre o açúcar mal derretido, enchia toda a sala de um rumor dormente.

Jorge enrolou um cigarro, e muito repousado, muito fresco na sua camisa de chita, sem colete, o jaquetão de flanela azul aberto, os olhos no teto, pôs-se a pensar na sua jornada ao Alentejo. Era engenheiro de minas, no dia seguinte devia partir para Beja, para Évora, mais para o sul até S. Domingos; e aquela jornada, em julho, contrariava-o como uma interrupção, afligia-o como uma injustiça. Que maçada por um verão daqueles! Ir dias e dias sacudido pelo chouto de um cavalo de aluguel, por esses descampados do Alentejo que não acabam nunca, cobertos de um rastolho escuro, abafados num sol baço, onde os moscardos zumbem! Dormir

nos montados, em quartos que cheiram a tijolo cozido, ouvindo em redor, na escuridão da noite tórrida, grunhir as varas dos porcos! A todo o momento sentir entrar pelas janelas, passar no ar o bafo quente das queimadas! E só!

QUEIRÓS, Eça de. *O primo Basílio*.
São Paulo: Saraiva, 2006 (Clássicos Saraiva).

TEXTO 2

Ema estremecia, levantando com um sopro o papel de seda das gravuras, que se erguia meio dobrado, e tornava a cair vagarosamente sobre as páginas. Era, por detrás da balaustrada de um balcão, um mancebo de capa curta, cingindo nos braços uma jovem vestida de branco e de bolsinha pendente do cinto; ou então retratos anônimos de damas inglesas de canudos louros, que, sob o chapéu de palha de grandes abas, pareciam olhar com seus grandes olhos claros. Estavam reclinadas em carruagens, deslizando pelos parques, com um galgo a pular adiante dos cavalos guiados a trote por dois postilhões de calções brancos. Outras, entediadas em sofás, meditando junto a uma carta desdobrada, contemplavam a lua pela janela semicerrada e meio encoberta por uma cortina escura. As ingênuas, com uma lágrima a correr pela face, beijavam uma rolinha, através das grades de uma gaiola, ou, sorrindo com a cabeça inclinada para o ombro, desfolhavam um malmequer com os dedinhos pontiagudos e revirados como os bicos das chinelas. E também lá estáveis vós, sultões de grandes cachimbos, extáticos debaixo de caramanchões, nos braços de bailarinas, com flechas, sabres turcos, barretes gregos; e sobretudo vós, paisagens lívidas das regiões ditirâmbicas, que muitas vezes nos mostrais, ao mesmo tempo, palmeiras, pinheiros, tigres à direita, um leão à esquerda, minaretes tártaros no horizonte, ruínas romanas no primeiro plano e em seguida um grupo de camelos acocorados; tudo emoldurado por uma floresta virgem muito bem tratada e com um raio de sol perpendicular tremendo na superfície da água, na qual se destacam, de longe em longe, num fundo cinzento, alguns cisnes a nadar.

391

FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*.
São Paulo: Abril Cultural, 1971.

1. Os textos acima contrastam entre si. Pensando nas relações entre amor, erotismo e casamento, responda:

a) Quais os principais elementos que nos mostram esse contraste? Por quê?

No trecho de *O primo Basílio*, Eça de Queirós descreve a rotina do casamento de Jorge e Luísa. Há vários componentes da cena que nos levam a crer que é um casamento sem paixão, no qual o fogo do amor feneceu. O trecho de *Madame Bovary* denota muito bem a idealização do amor que se dá na mente de Ema, futura esposa de Charles Bovary. Por causa de suas leituras de autores românticos, ela imagina o amor idealizado, com príncipes e sultões, com campos verdejantes e grandes gestos nobres, o que destoa do que iria viver na sua vida conjugal.

b) Na sua opinião, por que Luísa acabou criando fantasias ideais fora de seu casamento? Exemplifique usando elementos do texto. Resposta pessoal. No caso, o aluno deve fazer relações entre o real e o ideal, tema que será desenvolvido na leitura 2, e as consequências de uma idealização do amor que não corresponde à rotina de nossa vida cotidiana. Alguns pontos podem servir de exemplo, como a demonstração de tédio de Jorge: “Jorge fechou o volume de Luís Figuiier que estivera folheando devagar, estirado na velha *voltaire* de marroquim escuro, espreguiçou-se, bocejou”.

392

c) Extraia do primeiro texto expressões que evidenciem que a vida conjugal de Jorge e Luísa é pacata, mas não é feliz.

“havia o silêncio recolhido e sonolento de manhã de missa” (...) “os canários dormiam; um zumbido monótono de moscas arrastava-se por cima da mesa, pousava no fundo das chávenas sobre o açúcar mal derretido, enchia toda a sala de um rumor dormente” (...) “Jorge enrolou um cigarro, e muito repousado, muito fresco na sua camisa de chita, sem colete, o jaquetão de flanela azul aberto, os olhos no teto, pôs-se a pensar na sua jornada ao Alentejo”

PROFESSOR – Aqui também podem ser indicados o gesto entorpecido do casal, cada qual lendo no seu canto, o próprio clima de calor, que invadia a sala, os canários dormindo e o zunido de moscas cruzando o ambiente.

d) Aponte frases, palavras e termos no trecho de *Madame Bovary* que indiquem a excessiva idealização que impregnava as fantasias amorosas da protagonista.

“Ema estremecia, levantando com um sopro o papel de seda das gravuras”; “cingindo nos braços uma jovem vestida de

branco e de bolsinha pendente do cinto”; “retratos anônimos de damas inglesas de canudos louros, que, sob o chapéu de palha de grandes abas, pareciam olhar com seus grandes olhos claros”; “entediadas em sofás, meditando junto a uma carta desdobrada, contemplavam a lua pela janela semicercada”; “As ingênuas, com uma lágrima a correr pela face, beijavam uma rolinha, através das grades de uma gaiola”; “sorrindo com a cabeça inclinada para o ombro, desfolhavam um malmequer com os dedinhos pontiagudos e revirados como os bicos das chinelas”; “tudo emoldurado por uma floresta virgem muito bem tratada”

PROFESSOR – Comente que o próprio ambiente de leitura, as histórias que Ema consumia e imaginava, bem como seu conteúdo fabuloso, indicam essa idealização. Ema lia romances românticos, porque neles há grandes nobres que tomam as mulheres em seus braços e as possuem. O clima é sempre de encantamento, algo paradisíaco com grandes arroubos sentimentais. A leitura desses livros teria instilado em Ema o desejo de viver o mesmo.

393

2. Ainda de acordo com os trechos lidos, levando em conta os termos mencionados acima (amor, paixão, erotismo, casamento), responda as perguntas a seguir.

a) Com base nos elementos oferecidos pela narrativa, que motivos Luísa teria para abandonar a estabilidade e a ordem de sua vida familiar e se entregar à paixão por seu primo Basílio?

A excessiva idealização do amor (leitura 2) e a insuficiência real de seu casamento no plano afetivo.

PROFESSOR – A questão deve ser conduzida com cuidado, pois entra em aspectos subjetivos e éticos. Ela pode, nesse sentido, dialogar com a leitura 3, relativa à dimensão ética e moral.

b) Na sua opinião, e de acordo com a leitura que você fez da obra, o que era mais importante para a sociedade em que Luísa vivia: o amor, a paixão ou a estabilidade emocional?

Resposta pessoal. É importante que o aluno apresente justificativas e construa relações com os trechos lidos. Seus argumentos sempre terão que se basear em passagens da obra ou em características dos personagens.

3. Leia o trecho a seguir, extraído do referido livro de Octavio Paz:

A chama é a parte mais sutil do fogo, e se eleva em figura piramidal. O fogo original e primordial, a sexualidade, levanta a chama vermelha e esta, por sua vez, sustenta outra chama, azul e trêmula: a do amor. Erotismo e amor: a chama dupla da vida.

PAZ, Octavio. *A dupla chama: amor e erotismo.*

São Paulo: Siciliano, 2001.

a) Na sua opinião, por que Octavio Paz aproxima o erotismo à chama vermelha e o amor à azul?

Resposta pessoal. Levá-los a diferenciar esses elementos com base nessa relação poética que Octavio Paz estabelece com as cores.

b) No caso de *O primo Basílio*, o que fez Luísa se apaixonar por Basílio e trair Jorge? O amor, o erotismo, a paixão ou a falta de estabilidade afetiva?

Resposta pessoal. Neste momento, procure distribuir essas categorias e trabalhá-las em um debate ancorado no trecho de Paz, onde o erotismo é a parte mais sanguínea, e o amor, a mais calma e duradoura.

394

Amor: Parte mais diáfana, mais espiritual da relação entre as pessoas.

Sexualidade: Dimensão carnal e física da expressão do amor (conferir boxe da leitura 3).

Erotismo: Conjunto de regras e de códigos ligado aos jogos amorosos, que varia de cultura para cultura e tem finalidades diversas.

Casamento: Forma institucional do amor, estabelecida entre duas pessoas.

4. Comente esta frase de Paul Éluard, poeta francês do século XX: “O amor é o homem inacabado”, relacionando-a às protagonistas Luísa e Ema.

Sugerir a ideia de que o amor é plenitude, mas também carência, falta de algo que nos complete. No caso, tanto Ema quanto Luísa estavam inacabadas, porque não estavam plenas em suas relações. Isso as levou a se acabarem, a se realizarem fora delas.

PROFESSOR – É interessante nesse momento juntar alguns dos elementos dispersos sobre erotismo, amor, paixão, estabilidade, casamento, entre outros, e retomar os dois trechos.

Eles podem ser analisados sob a ótica de uma realidade crua, monótona, que fere o amor ideal romântico, e também sob a idealização e os devaneios

que Ema colhe nos livros e julga ser o verdadeiro amor.

É possível problematizar a questão, deixando ao aluno medir os limites entre realidade e ideal, bem como questionar se adotar um deles como parâmetro é positivo para as relações amorosas e humanas em geral.

LEITURA 2

REALISTAS *VERSUS* ROMÂNTICOS: UMA CRÍTICA AO IDEALISMO

Leia agora mais dois excertos de *O primo Basílio* e *Madame Bovary*, atentando para pontos comuns na caracterização de Luísa e Ema, seus sonhos e interesses.

TEXTO 3

Era a Dama das camélias. Lia muitos romances; tinha uma assinatura, na Baixa, ao mês. Em solteira, aos dezoito anos entusiasmara-se por Walter Scott e pela Escócia; desejava então viver num daqueles castelos escoceses, que têm sobre as ogivas os braços do clã, mobiliados com arcas góticas e troféus de armas, forrados de largas tapeçarias, onde estão bordadas legendas heroicas, que o vento do lago agita e faz viver; e amara Ervando, Morton e Ivanhoé, ternos e graves, tendo sobre o gorro a pena de águia, presa ao lado pelo cardo de Escócia de esmeraldas e diamantes. Mas agora era o moderno que a cativava: Paris, as suas mobílias, as suas sentimentalidades. Ria-se dos trovadores, exaltara-se por Mr. de Camors; e os homens ideais apareciam-lhe de gravata branca, nas ombreiras das salas de baile, com um magnetismo no olhar, devorados de paixão, tendo palavras sublimes. Havia uma semana que se interessava por Margarida Gautier; o seu amor infeliz dava-lhe uma melancolia enevoada; via-a alta e magra, com o seu longo xale de caxemira, os olhos negros cheios de avidez da paixão e dos ardores da tísica; nos nomes mesmo do livro – Júlia Duprat, Armando, Prudência, achava o sabor poético de uma vida intensamente amorosa; e todo aquele destino se agitava, como numa música triste, com ceias, noites delirantes, aflições de dinheiro, e dias de melancolia no fundo de um coupé quando nas avenidas do Bois, sob um céu pardo e elegante, silenciosamente caem as primeiras neves.

395

QUEIRÓS, Eça de. *O primo Basílio*.

São Paulo: Saraiva, 2006 (Clássicos Saraiva).

Durante seis meses, aos quinze anos, Ema sujou as mãos no pó dos velhos gabinetes de leitura. Mais tarde, com Walter Scott, apaixonou-se por coisas históricas, sonhou com armários, salas de guardas e menestréis. Quisera viver nalgum velho solar, como aquelas castelãs de corpetes compridos que, sob os ornatos das ogivas, passavam os dias com o cotovelo apoiado ao peitoril e o queixo na mão, à espera de ver surgir do extremo horizonte algum cavaleiro de pluma branca, galopando num cavalo preto. Por esse tempo teve verdadeiro culto por Maria Stuart e veneração entusiástica pelas mulheres ilustres ou infelizes. Joana D'Arc, Heloísa, Inês Sorel, a bela Ferronnière e Clemência Isaura surgiam-lhe como meteoros, da imensidade tenebrosa da história, onde sobressaíram aqui e acolá, porém mais perdidas na sombra, e sem a menor relação entre si; São Luís com o seu carvalho, Bayard moribundo, algumas atrocidades de Luís XI, um pouco de Saint Barthelemy, o penacho de Bearnês e sempre a recordação dos pratos pintados em que era exaltado Luís XIV.

396 Na aula de música, nas romanças que ela cantava, não havia senão anjinhos com asas de ouro, madonas, lagoas, gondoleiros, pacíficas composições que lhe deixavam entrever, através da simplicidade do estilo e da imprudência da nota, a atraente fantasmagoria das realidades sentimentais. Algumas das suas companheiras levavam para o convento álbuns de lembranças que tinham recebido de festas. Precisavam escondê-los, pois era caso grave, e os liam no dormitório. Folheando delicadamente as belas encadernações de cetim, Ema fitava, com olhos deslumbrados, o nome dos autores, desconhecidos na maioria, condes ou viscondes, que haviam posto a assinatura no fim das composições.

FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*.

São Paulo: Abril Cultural, 1971.

1. De acordo com o que foi estudado até aqui, qual a diferença fundamental entre uma visão de mundo realista e uma idealista, ou seja, entre o Realismo e o Romantismo? Explique.

O idealismo, mais do que uma simples crença ou modo de ver o mundo que nos cerca, é uma corrente filosófica. Ela acredita que a realidade pode ser alterada pela vontade e pela inteligência, que na perfeição estaria localizada a verdadeira realidade, da qual esta nossa realidade cotidiana seria uma mera cópia deformada. Já em meados do século XIX, os realistas vão se

opor a tais crenças, produzindo obras que tentam demonstrar que tal visão filosófica é equivocada, pois dá uma importância muito grande para a abstração e para o mundo perfeito e ideal, o que produz personagens como Ema e Luísa. Querendo viver a vida perfeita e irreal das heroínas dos livros, elas acabaram comprometendo sua vida real e seu casamento.

2. Na sua opinião, o que o autor quer dizer com “a atraente fantasmagoria das realidades sentimentais” de Ema Bovary?

Que a leitura dos romances românticos e de todo esse universo idealizado produziu nela uma distorção da realidade. Ela tomou por verdadeiras as histórias que leu e identificava nelas o verdadeiro amor e o verdadeiro mundo, no que sua sensibilidade vivia sob a pressão desses fantasmas ficcionais.

3. Tanto o trecho de *O primo Basílio* quanto o de *Madame Bovary* citam Walter Scott e falam do gosto de suas personagens principais pela leitura. Que tipo de crítica essa caracterização das personagens pode expressar, partindo de um autor realista?

Ambos os autores, observando o mundo de uma perspectiva realista, fazem a crítica da geração anterior e da estética romântica. É como se o adultério levado a cabo tanto por Ema quanto por Luísa fosse explicado com base no mundo ideal que os livros produziram em ambas. Sonhando com a idealização dos livros, deitaram por terra a realidade concreta em que viviam e se atiraram em aventuras amorosas, querendo viver tal e qual as heroínas da ficção.

Idealismo alemão: Movimento intelectual que teve início naquele país, no começo do século XIX, cujos principais nomes foram os filósofos Hegel, Schelling e os irmãos Schlegel, entre outros. Eles acreditavam que o mundo perfeito está no Espírito puro, não na matéria ou na realidade concreta, e foram de fundamental importância para os poetas e escritores românticos.

Romantismo: Conjunto de obras e realizações criadas com base nas ideias românticas, propostas por artistas e intelectuais no início do século XIX. Principais autores: Lord Byron, Wolfgang von Goethe, Friedrich Hölderlin, entre outros.

Realismo: Movimento intelectual e artístico que se opunha ao Romantismo, criticando seu excesso de idealização e sua busca de perfeição. Principais nomes: Gustave Flaubert, Guy de Maupassant, Eça de Queirós, Machado de Assis.

4. Ressalte, nos textos lidos, pontos em comum no que se refere à literatura e ao imaginário.

Há vários pontos de contato. Um deles é a idealização da Idade Média, comum entre autores românticos. Outro concerne ao conteúdo sempre fantasioso e perfeito das narrativas em questão.

O livro *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes, é considerado uma das maiores obras de ficção de todos os tempos. Foi publicado na Espanha em duas partes, em 1605 e 1615. Ele narra as façanhas de Alonso Quijada, um homem que de tanto ler romances de cavalaria resolve reviver a figura do cavaleiro andante e sair pelo mundo fazendo justiça. No caso, ele enlouquece porque troca a realidade pela vida imaginária dos livros.

A obra de Cervantes é uma crítica aos romances de cavalaria, impregnados de fantasias e feitos heroicos, em que cavaleiros matam dragões de sete cabeças e sozinhos acabam com um exército inteiro. Em certo sentido, tanto *Madame Bovary* quanto *O primo Basílio* se inspiram nessa obra, bem mais antiga, de Cervantes. A diferença essencial é que, no caso desses últimos, não se trata de um homem que quer reviver a cavalaria andante, mas de duas mulheres que sofrem por terem se identificado com o amor romântico dos livros.

398

Leia o trecho a seguir, da obra de Miguel de Cervantes, e responda as questões relativas a ele.

Romance de cavalaria: *Gênero literário que tem sua origem por volta do século XII. Seus principais representantes são Joanot Martorell, escritor catalão do século XV, com a obra Tirant lo Blanc, e principalmente o Amadis de Gaula, obra do século XIV, exemplo consumado do gênero.*

Cavaleiro andante: *Tipo social guerreiro que existiu na Europa durante alguns séculos e que inspirou os personagens dos romances de cavalaria. Neles, o cavaleiro é idealizado e luta contra monstros, dragões, salva princesas e enfrenta, sozinho, exércitos inteiros.*

Tragicômico: *Diz-se de obra que mistura elementos da tragédia e da comédia. Esse tipo de gênero literário surgiu na Espanha, no século XVI, com A Celestina.*

TEXTO 5

Enfim, tanto ele se engolfou nas suas leituras que lendo passava as noites de claro em claro e os dias de sol a sol; e, assim, do pouco dormir e do muito ler se lhe secaram os miolos, de modo que veio a perder o juízo. Encheu-se-lhe a fantasia de tudo aquilo que lia nos livros, tanto de encantamentos quanto de con-

tendas, batalhas, desafios, ferimentos, galantarias, amores, borrascas e disparates impossíveis; e se lhe assentou de tal maneira na imaginação que era verdade toda aquela máquina daquelas soadas sonhadas invenções que lia, que para ele não havia no mundo história mais certa. Dizia que El Cid Ruy Díaz fora muito bom cavaleiro, mas que não se comparava ao Cavaleiro da Ardente Espada, que de um só revés partira ao meio dois feros e descomunais gigantes. E mais alto punha a Bernardo de Carpio, pois em Roncesvales dera morte a Rolando, o Encantado, valendo-se da indústria de Hércules em sufocar Anteu, o filho da Terra, entre seus braços. Dizia muito bem do gigante Morgante, que, sendo daquela geração gigântea, em que todos são soberbos e descomedidos, era ele o único afável e bem-criado. Mas o seu maior apreço era por Reinaldo de Montauban, ainda mais ao vê-lo deixar seu castelo e roubar todos aqueles que topava, e quando além-mar roubou aquele ídolo de Maomé que era todo em ouro, segundo conta sua história. Por deitar uma mão boa de pontapés naquele traidor do Ganelão, daria ele a ama que tinha em casa, e ainda acresceria a paga com a sobrinha.

CERVANTES, Miguel de. *O engenhoso fidalgo D. Quixote de la Mancha*. Tradução de Sérgio Molina. São Paulo: Editora 34, 2002.

399

PROFESSOR – É importante explorar o dialogismo histórico. A época de cervantes corresponde ao barroco espanhol, ao século XVII, e tem seus códigos e suas normas literárias.

Reforce que a relação entre as obras é relativa aos personagens, no caso, Dom Quixote, Ema Bovary e Luísa. Os três, vitimados pelo idealismo, padecem por terem visto a vida ideal dos livros e por quererem vivê-la na realidade, trocando o real pela ficção.

Porém, são obras de períodos distintos e com propostas diferentes. No caso de Cervantes, trata-se de uma narrativa tragicômica do século XVII. Já as obras de Eça de Queirós e Gustave Flaubert são romances realistas do século XIX, com fins morais e de crítica social.

5. O que ocorreu com Dom Quixote para que ele resolvesse reviver a arte da cavalaria andante? Levante elementos do texto que justifiquem sua resposta.

Ele havia lido muitos romances de cavalaria, como diz o texto, e se identificou de tal modo com seus cavaleiros e heróis que resolveu reviver aquela velha tradição.

6. Teça algumas relações entre a situação de Dom Quixote, no século XVII, e a de Ema Bovary e Luísa, no século XIX.

Resposta pessoal. O importante é que o aluno mencione as diferenças e as semelhanças entre os personagens. Os três trocam o mundo pelo texto, a realidade da vida pela realidade dos livros. Levar os alunos a refletir sobre isso. No caso de Dom Quixote, há um componente utópico até, porque ele quer fazer justiça e devolver o mundo à Idade de Ouro que representaria a era da cavalaria andante. Já Ema e Luísa querem apenas viver o amor pleno, ideal, que leram nos livros, mas não encontram em seus casamentos. Miguel de Cervantes critica o idealismo mágico e mirabolante dos livros de cavalaria, Eça de Queirós e Gustave Flaubert criticam o idealismo amoroso dos romances românticos. Todos se colocam em uma relação de continuidade, mas também de crítica à tradição anterior.

PROFESSOR – Seria interessante recordar os elementos vistos até aqui: realismo e idealismo, realistas e românticos, amor e erotismo, casamento e moral, mundo real e mundo ideal, entre outros. Em seguida, promover um debate, no qual eles sejam desenvolvidos e avaliados pelos alunos.

LEITURA 3

JOGOS ENTRE A MORAL E A ÉTICA, ENTRE A NORMA E A EXCEÇÃO

Há uma relação bastante forte, dir-se-ia direta, entre *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, e *O primo Basílio*, de Eça de Queirós. Como vimos, Flaubert inaugura a literatura realista com este romance, e o escritor português vai, algumas décadas mais tarde, seguir os seus passos. Além destas, é possível traçar conexões entre *O primo Basílio* e outras obras da literatura brasileira. Dentre elas, há, sobretudo, *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, publicada em 1900, e *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, esta última bem mais recente, datada de 1934. Leia a seguir trechos dessas três obras.

TEXTO 6

Luísa, quando o sentiu embaixo fechar a porta da rua, entrou no quarto, atirou o chapéu para a *causeuse*, e foi-se logo ver ao espelho. Que felicidade estar vestida! Se ele a tivesse apanhado em roupão, ou mal penteada!... Achou-se muito afoguada, cobriu-se

de pó de arroz. Foi à janela, olhou um momento a rua, o sol que batia ainda nas casas fronteiras. Sentia-se cansada. Àquelas horas Leopoldina estava a jantar já, decerto... Pensou em escrever a Jorge “para matar o tempo”, mas veio-lhe uma preguiça; estava tanto calor! Depois não tinha que lhe dizer! Começou então a despir-se devagar diante do espelho, olhando-se muito, gostando de se ver branca, acariciando a finura da pele, com bocejos lânguidos de um cansaço feliz. – Havia sete anos que não via o primo Basílio! Estava mais trigueiro, mais queimado; mas ia-lhe bem!

E depois de jantar ficou junto à janela, estendida na *voltaire*, com um livro esquecido no regaço. O vento caíra e o ar, de um azul forte nas alturas, estava imóvel; a poeira grossa pousara; a tarde tinha uma transparência calma de luz; pássaros chilreavam na figueira-brava; da serralharia próxima saía o martelar contínuo e sonoro de folhas de ferro. Pouco a pouco o azul desbotou; sobre o poente, laivos de cor de laranja desmaiada esbateram-se como grandes pinceladas desleixadas. Depois tudo se cobriu de uma sombra difusa, calada e quente, com uma estrelinha muito viva que luzia e tremia. E Luísa deixara-se ficar na *voltaire* esquecida, absorvida, sem pedir luz.

– Que vida interessante a do primo Basílio! – pensava. – O que ele tinha visto! Se ela pudesse também fazer as suas malas, partir, admirar aspectos novos e desconhecidos, a neve nos montes, cascatas reluzentes! Como desejaria visitar os países que conhecia dos romances – a Escócia e os seus lagos taciturnos, Veneza e os seus palácios trágicos; aportar às baías, onde um mar luminoso e faiscante morre na areia fulva; e das cabanas dos pescadores de teto chato, onde vivem as Grazielas, ver azularem-se ao longe as ilhas de nomes sonoros! E ir a Paris! Paris sobretudo! Mas, qual! Nunca viajaria decerto; eram pobres; Jorge era caseiro, tão lisboeta!

Como seria o patriarca de Jerusalém? Imaginava-o de longas barbas brancas, recamado de ouro, entre instrumentações solenes e rolos de incenso! E a princesa de La Tour d’Auvergne? Devia ser bela, de uma estatura real, vivia cercada de pajens, namorara-se de Basílio. – A noite escurecia, outras estrelas luziam. – Mas de que servia viajar, enjoar nos paquetes, bocejar nos vagões, e, numa diligência muito sacudida, cabecear de sono pela serra nas madrugadas frias? Não era melhor viver num bom conforto, com um marido terno, uma casinha abrigada, colchões macios, uma noite de teatro às vezes, e um bom almoço nas manhãs claras quando os canários chalam? Era o que ela tinha. Era bem feliz! Então veio-lhe uma saudade de Jorge; desejaria abraçá-lo, tê-lo ali, ou descesse ir encontrá-lo fumando o seu cachimbo no escritório, com o seu jaquetão de veludo. Tinha

tudo, ele, para fazer uma mulher feliz e orgulhosa: era belo, com uns olhos magníficos, terno, fiel. Não gostaria de um marido com uma vida sedentária e caturra; mas a profissão de Jorge era interessante; descia aos poços tenebrosos das minas; um dia aperrara as pistolas contra uma malta revoltada; era valente; tinha talento! Involuntariamente, porém, o primo Basílio fazendo flutuar o seu bornous branco pelas planícies da Terra Santa, ou em Paris, direito na almofada, governando tranquilamente os seus cavalos inquietos – davam-lhe a ideia de uma outra existência mais poética, mais própria para os episódios do sentimento.

(...)

E Luísa tinha suspirado, tinha beijado o papel devotamente! Era a primeira vez que lhe escreviam aquelas sentimentalidades, e o seu orgulho dilatava-se ao calor amoroso que saía delas, como um corpo ressequido que se estira num banho tépido; sentia um acréscimo de estima por si mesma, e parecia-lhe que entrava enfim numa existência superiormente interessante, onde cada hora tinha o seu encanto diferente, cada passo conduzia a um êxtase, e a alma se cobria de um luxo radioso de sensações!

402 Ergueu-se de um salto, passou rapidamente um roupão, veio levantar os transparentes da janela... Que linda manhã! Era um daqueles dias do fim de agosto em que o estio faz uma pausa; há prematuramente, no calor e na luz, uma certa tranquilidade outonal; o sol cai largo, resplandecente, mas pausa de leve, o ar não tem o embaciado canicular, e o azul muito alto reluz com uma nitidez lavada; respira-se mais livremente; e já não se vê na gente que passa o abatimento mole da calma enfraquecedora. Veio-lhe uma alegria: sentia-se ligeira, tinha dormido a noite de um sono são, contínuo, e todas as agitações, as impaciências dos dias passados pareciam ter-se dissipado naquele repouso. Foi-se ver ao espelho; achou a pele mais clara, mais fresca, e um enternecimento úmido no olhar – seria verdade então o que dizia Leopoldina, que “não havia como uma maldadezinha para fazer a gente bonita?” Tinha um amante, ela!

E imóvel no meio do quarto, os braços cruzados, o olhar fixo, repetia: Tenho um amante! Recordava a sala na véspera, a chama aguçada das velas, e certos silêncios extraordinários em que lhe parecia que a vida parara, enquanto os olhos do retrato da mãe de Jorge, negros na face amarela, lhe estendiam da parede o seu olhar fixo de pintura. Mas Juliana entrou com um tabuleiro de roupa passada. Eram horas de se vestir...

CAPÍTULO XVIII

Como vês, Capitu, aos quatorze anos, tinha já ideias atrevidas, muito menos que outras que lhe vieram depois; mas eram só atrevidas em si, na prática faziam-se hábeis, sinuosas, surdas, e alcançavam o fim proposto, não de salto, mas aos saltinhos. Não sei se me explico bem. Suponde uma concepção grande executada por meios pequenos. Assim, para não sair do desejo vago e hipotético de me mandar para a Europa. Capitu, se pudesse cumpri-lo, não me faria embarcar no paquete e fugir; estenderia uma fila de canoas daqui até lá, por onde eu, parecendo ir à fortaleza da Laje em ponte movediça, iria realmente até Bordéus, deixando minha mãe na praia, à espera. Tal era a feição particular do caráter da minha amiga; pelo que, não admira que, combatendo os meus projetos de resistência franca, fosse antes pelos meios brandos, pela ação do empenho, da palavra, da persuasão lenta e diuturna, e examinasse antes as pessoas com quem podíamos contar. Rejeitou tio Cosme; era um “boa-vida”; se não aprovava a minha ordenação, não era capaz de dar um passo para suspendê-la. Prima Justina era melhor que ele, e melhor que os dois seria o Padre Cabral, pela autoridade, mas o padre não havia de trabalhar contra a Igreja; só se eu lhe confessasse que não tinha vocação...

CAPÍTULO XXXII

Tinham-me lembrado a definição que José Dias dera deles, “olhos de cigana oblíqua e dissimulada”. Eu não sabia o que era oblíqua, mas dissimulada sabia, e queria ver se se podiam chamar assim. Capitu deixou-se fitar e examinar. Só me perguntava o que era, se nunca os vira; eu nada achei extraordinário; a cor e a doçura eram minhas conhecidas. A demora da contemplação creio que lhe deu outra ideia do meu intento; imaginou que era um pretexto para mirá-los mais de perto, com os meus olhos longos, constantes, enfiados neles, e a isto atribuo que entrassem a ficar crescidos, crescidos e sombrios, com tal expressão que...

(...)

Retórica dos namorados, dá-me uma comparação exata e poética para dizer o que foram aqueles olhos de Capitu. Não me acode imagem capaz de dizer, sem quebra da dignidade do estilo, o que eles foram e me fizeram. Olhos de ressaca? Vá, de ressaca. É o que me dá ideia daquela feição nova. Traziam não sei que fluido misterioso e enérgico, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca. Para não ser arrastado, agarrei-me às outras partes vizinhas, às orelhas, aos

braços, aos cabelos espalhados pelos ombros; mas tão depressa buscava as pupilas, a onda que saía delas vinha crescendo, cava e escura, ameaçando envolver-me, puxar-me e tragar-me. Quantos minutos gastamos naquele jogo? Só os relógios do céu terão marcado esse tempo infinito e breve. A eternidade tem as suas pêndulas; nem por não acabar nunca deixa de querer saber a duração das felicidades e dos suplícios. Há de dobrar o gozo aos bem-aventurados do céu conhecer a soma dos tormentos que já terão padecido no inferno os seus inimigos; assim também a quantidade das delícias que terão gozado no céu os seus desafetos aumentará as dores aos condenados do inferno. Este outro suplício escapou ao divino Dante; mas eu não estou aqui para emendar poetas. Estou para contar que, ao cabo de um tempo não marcado, agarrei-me definitivamente aos cabelos de Capitu, mas então com as mãos, e disse-lhe, – para dizer alguma coisa, – que era capaz de os pentear, se quisesse.

CAPÍTULO XLI

404 Não houve cálculo nesta palavra, mas estimei dizê-la, por fazer crer que ela era a minha única afeição; desviava as suspeitas de cima de Capitu. Quantas intenções viciosas há assim que embarcam, a meio caminho, numa frase inocente e pura! Chega a fazer suspeitar que a mentira é, muita vez, tão involuntária como a transpiração. Por outro lado, leitor amigo, nota que eu queria desviar as suspeitas de cima de Capitu, quando havia chamado minha mãe justamente para confirmá-las; mas as contradições são deste mundo. A verdade é que minha mãe era cândida como a primeira aurora, anterior ao primeiro pecado; nem por simples intuição era capaz de deduzir uma coisa de outra, isto é, não concluiria da minha repentina oposição que eu andasse em segredinhos com Capitu, como lhe dissera José Dias. Calou-se durante alguns instantes; depois replicou-me sem imposição nem autoridade, o que me veio animando à resistência. Daí o falar-lhe na vocação que se discutira naquela tarde, e que eu confessei não sentir em mim.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*.
São Paulo: Saraiva, 2006 (Clássicos Saraiva).

1. Compare os trechos de *Dom Casmurro* transcritos acima aos da obra de Eça de Queirós, a partir dos seguintes pontos:

a) Ambos os textos trazem uma definição bem particular da personagem feminina (Luísa, impregnada de devaneios amorosos por ter reencontrado seu primo Basílio depois de anos, e Capitu,

descrita como uma menina de olhos dissimulados e cheia de astúcias). Destaque passagens que ilustrem a ambiguidade dos sentimentos femininos em relação ao amor.

Texto 6: “Pensou em escrever a Jorge ‘para matar o tempo’, mas veio-lhe uma preguiça”; “Havia sete anos que não via o primo Basílio! Estava mais trigueiro, mais queimado; mas ia-lhe bem!”; “Nunca viajaria decerto; eram pobres; Jorge era caseiro, tão lisboeta!”; “Não era melhor viver num bom conforto, com um marido terno, uma casinha abrigada, colchões macios (...) Era o que ela tinha. Era bem feliz! Então veio-lhe uma saudade de Jorge; desejaria abraçá-lo, tê-lo ali”; “Involuntariamente, porém, o primo Basílio fazendo flutuar o seu bornous branco pelas planícies da Terra Santa, ou em Paris, direito na almofada, governando tranquilamente os seus cavalos inquietos – davam-lhe a ideia de uma outra existência mais poética, mais própria para os episódios do sentimento”; “sentia um acréscimo de estima por si mesma, e parecia-lhe que entrava enfim numa existência superiormente interessante; “Foi-se ver ao espe-lho; achou a pele mais clara, mais fresca, e um enternecimento úmido no olhar – seria verdade então o que dizia Leopoldina, que ‘não havia como uma maldadezinha para fazer a gente bonita.’ Tinha um amante, ela!”

Texto 7: “Capitu, aos quatorze anos, tinha já ideias atrevidas, muito menos que outras que lhe vieram depois; mas eram só atrevidas em si, na prática faziam-se hábeis, sinuosas, surdas, e alcançavam o fim proposto, não de salto, mas aos saltinhos”; “Tal era a feição particular do caráter da minha amiga; pelo que, não admira que, combatendo os meus projetos de resistência franca, fosse antes pelos meios brandos, pela ação do empenho, da palavra, da persuasão lenta e diuturna, e examinasse antes as pessoas com quem podíamos contar”; “Olhos de ressaca? Vá, de ressaca. É o que me dá ideia daquela feição nova. Traziam não sei que fluido misterioso e enérgico, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca”; “Quantos minutos gastamos naquele jogo? Só os relógios do céu terão marcado esse tempo infinito e breve”.

PROFESSOR – É interessante retomar aqui alguns aspectos das duas leituras anteriores. Luísa reforça seus devaneios colhidos nos livros românticos, imaginando os lugares e as pessoas que o primo conhecera em suas

viagens. Isso diminui a importância de seu casamento, apaga-lhe o brilho. Capitu não chega a ter uma relação com a literatura, nesse sentido. É apenas uma personagem esférica, complexa, que foge às definições e cujos mistérios Bentinho não consegue desvendar plenamente, nunca chegando a um juízo consumado sobre ela. Isso é o que instiga nele a hipótese da traição, que, diferente do romance de *Eça de Queirós*, em nenhum momento é explícita ou constatada.

b) Qual seria a intenção dos autores ao ressaltar esse aspecto do universo feminino?

Os autores tentam dar ao leitor um acesso às motivações internas que levaram essas personagens a fazer o que fizeram. Dessa forma, seguem os ditames da estética realista, que tentava mostrar o funcionamento da sociedade e os motivos das ações individuais.

Os trechos abaixo são do romance *São Bernardo*, uma das mais importantes obras do escritor brasileiro Graciliano Ramos. Como já foi dito, esta obra também se enquadra à sua maneira na tradição que vem de *Madame Bovary*, *O primo Basílio* e *Dom Casmurro*, ou seja, concentra-se no tema do amor e do adultério, do casamento e de seus limites.

406

TEXTO 8

Conheci que Madalena era boa em demasia, mas não conheci tudo de uma vez. Ela se revelou pouco a pouco, e nunca se revelou inteiramente. A culpa foi minha, ou antes, a culpa foi desta vida agreste, que me deu uma alma agreste.

E, falando assim, compreendo que perco o tempo. Com efeito, se me escapa o retrato moral de minha mulher, para que serve esta narrativa? Para nada, mas sou forçado a escrever.

Quando os grilos cantam, sento-me aqui à mesa da sala de jantar, bebo café, acendo o cachimbo. Às vezes as ideias não vêm, ou vêm muito numerosas – e a folha permanece meio escrita, como estava na véspera. Releio algumas linhas, que me desagradam. Não vale a pena tentar corrigi-las. Afasto o papel.

Emoções indefiníveis me agitam – inquietação terrível, desejo doido de voltar, tagarelar novamente com Madalena, como fazíamos todos os dias, a esta hora. Saudade? Não, não é isto: é desespero, raiva, um peso enorme no coração.

(...)

Conforme declarei, Madalena possuía um excelente coração. Descobri nela manifestações de ternura que me sensibilizaram.

E, como sabem, não sou homem de sensibilidades. É certo que tenho experimentado mudanças nestes dois últimos anos. Mas isto passa.

As amabilidades de Madalena surpreenderam-me. Esmola grande. Percebi depois que eram apenas vestígios da bondade que havia nela para todos os viventes. Paciência. Eu não devia esperar nem esses sobejos – e o que viesse era lucro. Vivemos algum tempo muito bem.

(...)

“O senhor conhece a mulher que possui.” Que frase!

Padilha sabia alguma coisa. Saberia? Ou teria falado à toa?

Conjecturas. O que eu desejava era ter uma certeza e acabar depressa com aquilo. Sim ou não.

“O senhor conhece a mulher que possui.” Conhecia nada! Era justamente o que me tirava o apetite. Viver com uma pessoa na mesma casa, comendo na mesma mesa, dormindo na mesma cama, e perceber ao cabo de anos que ela é uma estranha! Meu Deus! Mas se eu ignoro o que há em mim, se esqueci muitos dos meus atos e nem sei o que sentia naqueles meses compridos de tortura!

Já viram como perdemos tempo em padecimentos inúteis? Não era melhor que fôssemos como os bois? Bois com inteligência. Haverá estupidez maior que atormentar-se um vivente por gosto? Será? Não será? Para que isso? Procurar dissabores! Será? Não será?

Se eu tivesse uma prova de que Madalena é inocente, dar-lhe-ia uma vida como ela nem imaginava. Comprar-lhe-ia vestidos que nunca mais se acabariam, chapéus caros, dúzias de meias de seda. Seria atencioso, muito atencioso, e chamaria os melhores médicos da capital para curar-lhe a palidez e a magrém. Consentiria que ela oferecesse roupa às mulheres dos trabalhadores.

E se eu soubesse que ela me traía? Ah! Se eu soubesse que ela me traía, matava-a, abria-lhe a veia do pescoço, devagar, para o sangue correr um dia inteiro.

Mas logo me enjoava do pensamento feroz. Que rendia isso? Um crime inútil! Era melhor abandoná-la, deixá-la sofrer. E quando ela tivesse viajado pelos hospitais, quando vagasse pelas ruas, faminta, esfrangalhada, com os ossos furando a pele, costuras de operações e marcas de feridas no corpo, dar-lhe uma esmola pelo amor de Deus.

Seria? Não seria?

2. Quais aspectos e passagens desses trechos de São Bernardo aproximam-se das obras anteriores? Articule-os.

É importante nesse ponto ressaltar a descrição que o narrador faz de Madalena, seu caráter e sua personalidade. A semelhança com Capitu de *Dom Casmurro* é bastante notável. Ambas as personagens são dissimuladas, e o narrador diz de Madalena algo muito semelhante ao que lemos sobre Capitu: um tipo feminino esquivo, de difícil definição. Nunca se sabem ao certo seus pensamentos nem suas intenções. É nesse liame que tanto Graciliano quanto Machado trabalham suas personagens. Vale ressaltar também a diferença fundamental, pois tanto em *Madame Bovary* e em *O primo Basílio* quanto em *São Bernardo* temos uma traição explícita, consumada. Em *Dom Casmurro* ela é levada ao extremo do subentendido, mas em nenhum momento a suposta traição de Capitu com Escobar é confirmada. Isso fez da obra de Machado de Assis palco de tensas discussões e motivo de inúmeras análises, que sempre acabam em aberto.

408 3. Faça uma pesquisa sobre a vida e a obra dos escritores aqui estudados. Procure também levantar informações sobre a relação de Eça de Queirós com a obra de Gustave Flaubert.

Há diversas correspondências. Flaubert serve de modelo a todos os escritores realistas. Essa relação arqueológica se dá a partir dele, mas passa por Balzac, Maupassant, Eça de Queirós, Machado de Assis e vem desaguar em escritores mais modernos, do século XX, como o próprio Graciliano Ramos, entre outros.

4. Transcreva as principais passagens do texto de Graciliano Ramos que comunicam o caráter contraditório e o aspecto indecifrável de Madalena, e, portanto, sua possível traição.

“Conheci que Madalena era boa em demasia, mas não conheci tudo de uma vez. Ela se revelou pouco a pouco, e nunca se revelou inteiramente”; “Conforme declarei, Madalena possuía um excelente coração. Descobri nela manifestações de ternura que me sensibilizaram”; “As amabilidades de Madalena surpreenderam-me. Esmola grande. Percebi depois que eram apenas vestígios da bondade que havia nela para todos os vivos. Paciência”; “O senhor conhece a mulher que possui.”

Que frase!"; "Conjecturas. O que eu desejava era ter uma certeza e acabar depressa com aquilo. Sim ou não"; "'O senhor conhece a mulher que possui.' Conhecia nada! Era justamente o que me tirava o apetite. Viver com uma pessoa na mesma casa, comendo na mesma mesa, dormindo na mesma cama, e perceber ao cabo de anos que ela é uma estranha! Meu Deus! Mas se eu ignoro o que há em mim, se esqueci muitos dos meus atos e nem sei o que sentia naqueles meses compridos de tortura"; "Será? Não será?"; "Se eu tivesse uma prova de que Madalena é inocente, dar-lhe-ia uma vida como ela nem imaginava."; "E se eu soubesse que ela me traía?"

Agora, leia mais este trecho de *O primo Basílio*.

TEXTO 9

E diante de Jorge tinha de a elogiar!

A vida pesava-lhe. Apenas ele pela manhã saía e fechava a cancela, logo as suas tristezas, os seus receios lhe desciam sobre a alma, devagar, como grandes véus espessos que se abatem lugubrememente; não se vestia então até às quatro, cinco horas, e com o roupão solto, em chinelas, despenteada, arrastava o seu aborrecimento pelo quarto. Vinham-lhe, por momentos, de repente, desejos de fugir, ir meter-se num convento! A sua sensibilidade muito exaltada impeli-la-ia decerto a alguma resolução melodramática, — se a não retivesse, com a força de uma sedução permanente, o seu amor por Jorge. Porque o amava agora, imensamente! Amava-o com cuidados de mãe, com ímpetos de concubina... Tinha ciúmes de tudo, até do ministério, até do relatório! Ia interrompê-lo a cada momento, tirar-lhe a pena da mão, reclamar o seu olhar, a sua voz; e os passos dele no corredor davam-lhe o alvoroço dos amores ilegítimos...

De resto ela mesma se esforçava por desenvolver aquela paixão, achando nela a compensação inefável das suas humilhações. Como lhe viera aquilo? Porque sempre o amara, decerto, reconhecia-o agora, — mas não tanto, não tão exclusivamente! Nem ela sabia. Envergonhava-se mesmo, sentindo vagamente naquela violência amorosa pouca dignidade conjugal; suspeitava que o que tinha era apenas um capricho. Um capricho por seu marido! Não lhe parecia rigorosamente casto... Que lhe importava, de resto? Aquilo fazia-a feliz, prodigiosamente. Fosse o que fosse, era delicioso!

Ao princípio a ideia do outro pairava constantemente sobre esse amor, pondo um gosto infeliz em cada beijo, um remorso em cada noite. Mas pouco a pouco esquecera-o tanto, o outro – que a sua recordação, quando por acaso voltava, não dava mais amargor à nova paixão, que um torrão de sal pode dar às águas de uma torrente. Que feliz que seria – se não fosse a infame!

Era a infame que se sentia feliz! Às vezes só no seu quarto, punha-se a olhar em redor com um riso de avaro: desdobrava, batia os vestidos de seda; punha as botinas em fileira, contemplando-as de longe, extática; e debruçada sobre as gavetas abertas da cômoda contava, recontava a roupa-branca, acariciando-a com o olhar de posse satisfeita. Como a da Piorrinha! – murmurava, afogada em júbilo.

QUEIRÓS, Eça de. *O primo Basílio*.

São Paulo: Saraiva, 2006 (Clássicos Saraiva).

5. Após ler o texto e refletir, responda:

a) O que aconteceu para que, no trecho acima, Luísa visse as grandes qualidades de seu marido Jorge?

410 Trata-se do lado moralista da obra. Assim, Eça de Queirós quer demonstrar que Luísa estava mergulhada no erro ao lançar por terra seu casamento. Que tudo não passou da consequência ruim de idealizações, e ela agora via a verdadeira realidade e o verdadeiro valor de Jorge.

b) Como explicar essa transformação na opinião da protagonista, do desencanto ao encanto?

O que produziu essa transformação, na verdade, foi a culpa. Ela, depois de traí-lo com Basílio e de idealizar desesperadamente o que este sentia por ela, volta a si e à realidade. Esse retorno produz uma revisão, de sua parte, em relação a Jorge e ao que ele significa para ela.

c) Comente a frase: “Amava-o com cuidados de mãe, com ímpetos de concubina...”

Trata-se da velha dissociação entre o amor espiritual e o carnal, ligados às figuras da Dama e da Santa. No século XIX, a sociedade burguesa vive o ápice dessa dilaceração. A mulher tem que ter a castidade da santa para os rígidos códigos morais. Porém, isso a oprime e, paradoxalmente, fortalece a sua fantasia, nutre nela devaneios relativos à sua porção erótica, sexual,

romântica.

PROFESSOR – O tema da Dama e da Santa também é abordado pelo poeta e ensaísta Octavio Paz em seu livro A dupla chama, citado no começo deste Projeto de Trabalho. Ele representa uma separação entre o amor carnal e o espiritual, que vem desde o século XII. Tal divisão será fundamental para os escritores realistas como Eça de Queirós, no século XIX.

d) Relacione essa mesma frase às obras em questão.

Os escritores realistas criticam esse tipo de casamento, porque veem nessas engrenagens uma grande hipocrisia da sociedade em relação à mulher e a seus verdadeiros sentimentos. Mas, em geral, também recriminam o adultério, como algo que seria vicioso para o bom andamento da sociedade.

Ainda sobre *O primo Basílio*, leia o trecho a seguir e responda às questões propostas.

TEXTO 10

411

Mas então!... E como uma pessoa que destapa um frasco muito guardado, e se admira vendo o perfume evaporado, ficou toda pasmada de encontrar o seu coração vazio. O que a levava então para ele?... Nem ela sabia; não ter nada que fazer; a curiosidade romanescas e mórbida de ter um amante; mil vaidadezinhas inflamadas, um certo desejo físico... E sentira-a, porventura, essa felicidade, que dão os amores ilegítimos, de que tanto se fala nos romances e nas óperas; que faz esquecer tudo na vida, afrontar a morte, quase fazê-la amar? Nunca! Todo o prazer que sentira ao princípio, que lhe parecera ser o amor – vinha da novidade, do saborzinho delicioso de comer a maçã proibida, das condições do mistério do Paraíso, de outras circunstâncias talvez, que nem queria confessar a si mesma, que a faziam corar por dentro!

Mas que sentia de extraordinário agora? Bom Deus, começava a estar menos comovida ao pé do seu amante, do que ao pé do seu marido! Um beijo de Jorge perturbava-a mais, e viviam juntos havia três anos! Nunca se secara ao pé de Jorge, nunca! E secava-se positivamente ao pé de Basílio! Basílio, no fim, o que se tornara para ela? Era como um marido pouco amado, que ia amar fora de casa! Mas então, valia a pena?...

Onde estava o defeito? No amor mesmo talvez! Porque enfim, ela e Basílio estavam nas condições melhores para obterem

uma felicidade excepcional: eram novos, cercava-os o mistério, excitava-os a dificuldade... Por que era então que quase bocejavam? É que o amor é essencialmente perecível, e na hora em que nasce começa a morrer. Só os começos são bons. Há então um delírio, um entusiasmo, um bocadinho do céu. Mas depois!... Seria pois necessário estar sempre a começar, para poder sempre sentir?... Era o que fazia Leopoldina. E aparecia-lhe então nitidamente a explicação daquela existência de Leopoldina, inconstante, tomando um amante, conservando-o uma semana, abandonando-o como um limão espremido, e renovando assim constantemente a flor da sensação! – E, pela lógica tortuosa dos amores ilegítimos, o seu primeiro amante fazia-a vagamente pensar no segundo!

QUEIRÓS, Eça de. *O primo Basílio*.

São Paulo: Saraiva, 2006 (Clássicos Saraiva).

6. Comente o trecho acima, relacionando as hesitações de Luísa ao aspecto negativo da traição.

Resposta pessoal.

Professor: Seria interessante ressaltar que a essa altura do romance Luísa já relativiza o seu sentimento por Basílio e tenta entender o que a levou ao adultério. É como se até então ela estivesse movida apenas pela paixão e agora entrasse a culpa e a reflexão sobre seus atos. Nesse momento ela percebe o vazio que é a vida quando tomada em função sempre de novas aventuras: depois de uma segue-se outra, e assim por diante, numa busca infundável de novas experiências.

412

7. Em que momentos percebemos que Luísa se sente impelida à traição e até justifica sua atitude racionalmente?

Percebemos uma tentativa de Luísa justificar sua atitude nesta frase: “Porque enfim, ela e Basílio estavam nas condições melhores para obterem uma felicidade excepcional: eram novos, cercava-os o mistério, excitava-os a dificuldade...”. Mas logo em seguida ela já vê o outro lado da questão e começa a predominar o arrependimento.

8. Comente a frase: “Onde estava o defeito? No amor mesmo talvez!”.

Resposta pessoal. Nesta frase o autor coloca a condição conflituosa de Luísa como sendo fruto da própria insuficiência do amor, como se ele tivesse sempre que buscar algo além e nunca se contentasse com os limites de um relacionamento

estável. No entanto é preciso reforçar que Eça de Queirós tem um objetivo moralizante e *O primo Basílio*, em última instância, mostra a ruína e a morte de Luísa, por causa justamente de sua idealização e da transgressão dos valores éticos e morais vigentes na sociedade.

9. De acordo com o romance, por que a criada Juliana nutre tamanha raiva de Luísa, a ponto de confiscar suas cartas para Basílio e usá-las para chantagear a patroa?

O romance diz que Juliana veio de uma extração social mais baixa, filha de uma engomadeira e de um degredado, e que permaneceu solteira por não possuir atrativos físicos. Além disso, a criada sofre do coração. Há diversos indícios de que se trata de uma pessoa amargurada e frustrada, tanto amorosa quanto financeiramente. Isso teria suscitado nela inveja e até ódio em relação à patroa, que possuía boa vida e mesmo assim fora infiel.

10. O Conselheiro Acácio posa de homem sério e faz diversos discursos em favor da moral.

a) Por que podemos afirmar que suas palavras são falsas?

Porque, mesmo defendendo esses discursos, ele mesmo mantém uma relação com sua criada.

b) O que Eça de Queirós quer nos dizer com esse personagem?

O escritor procura demonstrar que a sociedade está envolta em hipocrisia, que seus integrantes dizem uma coisa e fazem outra. De certa forma, isso relativiza a culpa de Luísa, que pelo menos vive o drama de consciência de sua traição, coisa que muitas outras pessoas não fazem.

11. Qual o papel do escritor Ernestinho Ledesma no romance? Qual o nome e do que trata a sua peça de teatro?

Ernestinho mostra o lado artístico do tema da traição e da fidelidade. Sua peça se chama *Honra e paixão*. Conta a história de uma mulher que, para salvar o marido de uma dívida de jogo, recorre ao conde Monte-Redondo. Mas o marido percebe que a mulher e o conde se amaram em troca do dinheiro; então devolve-o ao conde e mata a mulher. Como no drama *Hamlet*, de Shakespeare, há uma encenação dentro da encenação, uma peça sobre a traição dentro de um romance que trata de um caso de traição. Ambas as histórias não acontecem da mesma

forma, mas é importante notar isso porque na obra de Eça de Queirós tal tema é enfocado artisticamente a partir da encenação dessa peça de Ledesma, e do que decorre dela.

12. Por que, chegado de viagem, Jorge estranha o comportamento de Luísa em relação a Juliana?

Porque, após interceptar as cartas de Luísa a Basílio e chantagear a patroa, Juliana diminuiu drasticamente sua rotina de trabalho e passou a se comportar de maneira relapsa com as ocupações da casa, sem que Luísa lhe chame a atenção por isso. Juliana já lê jornal na sala, enquanto Luísa engoma nos fundos da casa.

13. Preencha este quadro sinóptico, caracterizando os personagens de *O primo Basílio*:

PERSONAGEM

CARACTERÍSTICAS

Dona Felicidade

Personagem que faz o tipo maternal, simpatizante de Basílio. Crente, religiosa e devota.

414 **Acácio**

Figura caricata, que resvala sempre em hipocrisia, porque seu discurso não coincide com sua prática. Representa as formalizações vazias. Também nutre simpatia por Basílio.

Leopoldina

É uma personagem que representaria, no romance, a parte má da alma feminina. Sem idealização, se entrega a todos os prazeres possíveis.

Jorge

Personagem que ama honestamente a esposa e que precisa ser “protegido” por ignorar os limites da falsidade e da maldade alheias. Sintetiza as convenções de seu tempo.

Sebastião

Aquele cuja vocação é proteger. Ao descobrir o que se passa com Luísa, também a protege. Preocupação e atenção.

Basílio

Representa o impulso sexual sem grandes comprometimentos. Trata-se de uma figura mais mundana, que não estabelece vínculos amorosos duradouros. Quer a qualquer custo fazer cumprir seu desejo.

Juliana	Personagem que representa a chantagem, a inveja e a disputa por poder. Amargura e desencanto com a vida.
Julião	Representa a consciência, a razão. Não vê mais que um simples adultério entre Luísa e Basílio. Não entra em questões morais.
Luísa	Mulher romântica, frágil, idealizadora. Seu comportamento e suas características a predisõem ao adultério.

LEITURA 4

AS FONTES DA LITERATURA: CRIAÇÃO E INTERTEXTUALIDADE

A literatura muitas vezes se alimenta de si mesma, mais do que da realidade. Os autores se inspiram em outros para escrever, a seu modo, suas obras. Este fenômeno se chama intertextualidade: é a relação que um texto estabelece com outros e o diálogo que um autor constrói com outros, seja em termos de enredo ou até mesmo de estilo. O famoso crítico literário norte-americano Harold Bloom, ao analisar a obra *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, viu nela grandes semelhanças com a peça *Otelo*, de William Shakespeare. Desdêmona, Iago e Otelo estariam em diálogo direto com Bentinho, Capitu e Escobar. Tais semelhanças já foram apontadas por outros estudiosos, e o romance do escritor brasileiro chega a fazer menções diretas à peça do dramaturgo inglês, que viveu na passagem do século XVI para o XVII.

415

Otelo: *General de Veneza que se apaixona por Desdêmona, jovem nobre. Casam-se e partem para a ilha de Chipre, onde ele vai lutar contra os otomanos. Antes de viajar, Otelo promove Cássio a tenente. Esse fato abala o equilíbrio de seu alferes, Iago, que desejava o cargo. Quando o general retorna, passa a ser vítima das artimanhas e armações verbais de Iago, que insinua a traição de Desdêmona com Cássio. Em um momento loucura, Otelo mata sua amada por asfixia. Suicida-se em seguida, assim que percebe que fora manipulado e que ela era inocente e fiel.*

Em um determinado momento de *O primo Basílio*, Jorge é chamado de Otelo, porque, ao opinar sobre o fim que deveria ser dado à peça *Honra e paixão*, insiste na necessidade de se matar a mulher adúltera.

1. Pesquise mais sobre a mencionada obra do dramaturgo inglês e tente estabelecer relações entre ela, a obra de Eça de Queirós e a de Machado de Assis.

As relações entre *Otelo* e *Dom Casmurro* são abundantes. Machado de Assis menciona a peça do dramaturgo inglês explicitamente em três capítulos: no Capítulo LXII, chamado “Uma Ponta de Iago”, no Capítulo CXXXV, chamado enfaticamente “Otelo”, e também no Capítulo LXXII, cujo título é “Uma Reforma Dramática”. Além disso, faz menção a Desdêmona, Iago e Otelo no Capítulo C, “Tu Serás Feliz, Bentinho!”. As relações que tal obra têm com *O primo Basílio* são menos visíveis, mas existem. É oportuno estimular os alunos a encontrá-las.

2. Realize uma pesquisa sobre a estética, as obras e os autores românticos. A partir desse material, identifique como Eça de Queirós lançou mão da intertextualidade, em sentido negativo, para criticar essas obras, tal como Cervantes fez com as novelas de cavalaria.

416 Seria proveitoso se os alunos conseguissem captar os principais paradigmas, ou seja, as principais marcas dessa estética, e ressaltassem como o escritor português as trabalha negativamente na personagem Luísa. Trata-se de uma mescla das leituras 2 e 4: a relação entre realismo e idealismo produzida a partir da intertextualidade.

PROFESSOR – Seria interessante retomar aqui os conceitos e as obras tratadas neste projeto, desde as noções de realismo e idealismo até os limites morais das relações amorosas. Depois, esses tópicos podem ser relacionados à predisposição própria da literatura para estabelecer diálogos intertextuais entre as obras e a capacidade dos escritores de se traduzirem entre si.

LEITURA 5

AMOR, EROTISMO, CASAMENTO E ADULTÉRIO

Os temas de adultério e ciúme, bem como de amor e paixão, estão bastante presentes na música popular brasileira. Leia as duas canções a seguir, uma de Caetano Veloso e outra de Rita Lee, que abordam esses assuntos.

TEXTO 11
O CIÚME
CAETANO VELOSO

Dorme o sol a flor do Chico meio dia
Tudo esbarra embriagado de seu lume
Dorme ponte, Pernambuco, Rio, Bahia
Só vigia um ponto negro, o meu ciúme
O ciúme lançou sua flecha preta
E se viu ferido justo na garganta
Que nem alegre, nem triste, nem poeta
(...)
Mais na voz que canta tudo ainda arde
Tudo é perda, tudo quer buscar, cadê
Tanta gente canta, tanta gente cala
Tantas almas esticadas no curtume
Sobre toda a estrada, sobre toda sala
Paira, monstruosa sombra do ciúme.

TEXTO 12
AMOR E SEXO / CILZE MARIANE COSTA HONÓRIO, RITA LEE, ROBERTO
DE CARVALHO E ARNALDO JABOR

Amor é um livro
Sexo é esporte
Sexo é escolha
Amor é sorte
(...)
Sexo é imaginação, fantasia
Amor é prosa
Sexo é poesia
O amor nos torna patéticos
Sexo é uma selva de epiléticos
Amor é cristão
Sexo é pagão
Amor é latifúndio
Sexo é invasão
Amor é divino
Sexo é animal
Amor é bossa nova
Sexo é carnaval
Amor é para sempre
Sexo também
Sexo é do bom...

Amor é do bem...
Amor sem sexo,
É amizade
Sexo sem amor,
É vontade
Amor é um
Sexo é dois
Sexo antes,
Amor depois
(...)
Amor é isso,
Sexo é aquilo
E coisa e tal...
E tal e coisa...

1. Na canção *O ciúme*, Caetano Veloso enumera estados brasileiros e diz que em meio a eles “Só vigia um ponto negro, o meu ciúme”. O que ele quer dizer com isso?

O compositor pretende traçar um cenário do Brasil a partir da enumeração de alguns estados. Ao falar do próprio ciúme que ele sente, faz com que este sentimento se espraie por todos os locais citados e, dessa forma, pertença também a todos os brasileiros.

418

2. Nesse sentido, como podemos interpretar a parte da canção que diz: “O ciúme lançou sua flecha preta/ E se viu ferido justo na garganta/ Que nem alegre, nem triste, nem poeta”?

Ferido na garganta, que é o órgão por excelência do canto – e, portanto, da própria vitalidade daquele que nos fala do ciúme –, é quase como dizer que este foi atingido no coração. A flecha “preta” traz uma conotação mais sombria para o ciúme. O sujeito da canção, ao se declarar nem alegre, nem triste, nem poeta, transmite sua dificuldade de lidar com essa força negativa que o ciúme desempenha sobre ele. Se fosse alegre, suprimiria a sua ação. Se fosse apenas triste, se resignaria. E, se fosse poeta, poderia traduzi-la em uma obra, livrando-se do peso do ciúme. Negando todas essas dimensões, produz uma visão trágica: se mostra impotente diante da força exercida pelo ciúme.

3. Como você interpreta este trecho da canção: “Mais na voz que canta tudo ainda arde/ Tudo é perda, tudo quer buscar, cadê/ Tanta gente canta, tanta gente cala”?

Esse trecho fala da grande falta de sentido que o ciúme revela, onde se busca algo que nunca se mostra. Muitas pessoas cantam e outras tantas calam. E, mesmo assim, como inferimos do final da canção, tudo isso não nos livra da sombra do ciúme: “Tantas almas esticadas no curtume/ Sobre toda a estrada, sobre toda sala/ Paira, monstruosa sombra do ciúme”. Para todas as almas, seja na exterioridade do mundo (estradas) seja na intimidade do lar (salas), a sua sombra paira, como se todos nós tivéssemos conosco a realidade dessa força maligna e não conseguíssemos nunca nos livrar completamente dela.

4. Comente os seguintes versos da canção de Rita Lee: “Sexo é imaginação, fantasia/ Amor é prosa/ Sexo é poesia”. Como eles podem se relacionar com a obra de Eça de Queirós?

A canção vincula muito o sexo à paixão e o amor a algo menos intenso, porém mais duradouro. Mas ela também joga com esses elementos, embaralhando a compreensão que temos deles. Nesse caso, a prosa seria a vida cotidiana, o fortalecimento de uma relação a dois no dia a dia, que ocorreria em virtude do amor. Já ao sexo cabe o papel de incendiar o elã vital, papel desempenhado, segundo a letra da música, principalmente pela poesia. A relação com *O primo Basílio* pode ser entendida pelo caráter fantasioso e imaginativo que o sexo despertaria, como diz a canção. Na obra de Eça, Luísa teria sido conduzida por esse caráter a seu adultério com Basílio.

419

5. Como se dá a oposição entre sexo e amor deste trecho da canção?

Amor é cristão
Sexo é pagão
Amor é latifúndio
Sexo é invasão
Amor é divino
Sexo é animal
Amor é bossa nova
Sexo é carnaval

Os compositores lançam mão de uma série de definições de cunho econômico, religioso e cultural para definir sexo em oposição a amor. De acordo com elas, o primeiro seria pagão,

invasor, carnavalesco e animal. Ao segundo caberia a alcunha de cristão, latifundiário, divino e bossa nova.

6. Retire da canção de Rita Lee alguns paradoxos em relação às nossas concepções correntes de amor e sexo.

Amor é para sempre
Sexo também

Aqui temos um paradoxo, pois geralmente pensamos que apenas o amor é para sempre. Os compositores lançam a ideia oposta: também o sexo seria eterno.

Sexo é do bom...
Amor é do bem...

Neste caso há um jogo de palavras entre “bom” e “bem”. Ressalta-se a boa qualidade da relação sexual e a associação do amor às virtudes e à prática do bem.

420

Amor sem sexo,
É amizade

Essa é uma curiosa definição de amizade. Poucas vezes pensamos a amizade dessa maneira, porque a relacionamos com outro nível de sentimento. Aqui a compositora mistura sexo, amor e amizade.

PROFESSOR – É importante demarcar algumas diferenças fundamentais. Até agora se trabalhou com obras literárias no sentido estrito do termo, ou seja, com uma tradição verbal livresca, de obras escritas.

Mas podemos relacioná-las a canções, a obras verbais feitas para serem acompanhadas de música.

São duas vertentes bastante diferentes, mas que podem se tocar. É preciso ter em mente que a letra de música é apenas um gênero da literatura, derivada de uma modalidade poética, que é a canção. A poesia tem um leque enorme de possibilidades expressivas e formais. A canção é apenas uma dessas possibilidades, mais restrita, levando-se em conta este campo mais vasto da literatura.